

A cidade não será catequizada

Clarissa Moreira, Fernanda Sanchez e Bruno Cava

«Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.»

Manifesto Antropófago, Oswald de Andrade

1. Introdução

O que pode um arquiteto face à persistente dificuldade de assumir posições claras e transformadoras diante dos processos de desigualdade e concentração de renda na cidade e na produção do espaço urbano? Le Corbusier já gritava Arquitetura ou Revolução, o que já era uma ideia perfeitamente retrógrada e anti-revolucionária em sua época. Ainda não superamos as questões ali colocadas, mas avançamos muito no campo do pensamento urbanístico. Hoje sabemos que os espaços vivos da cidade não serão construído por algum semi-deus, nem nos gabinetes dos governos, nem nos escritórios dos arquitetos, nem nos *think tanks* da expertise urbana globalizada. Com um mínimo de imersão no campo se percebe que agenciamentos de espaços, afetos, construções e fluxos são inseparáveis e surgem de um embate vivo cotidiano e que sempre escapará ao que se fala ou faz sobre ele. A cidade e seus espaços são maiores - e também menores. E aí está sua grande força viva. É a cidade que nos dobra, no final do dia. Perderemos para ela, felizmente, e apesar das arrogâncias e das alucinações. Projetos-vitrine da Cidade Maravilhosa e Olímpica serão devorados pela cidade e serão dela. Barcelona, modelo tão citado naquilo que teve de pior (espetacularização/ turistificação), buscando superar a visão estritamente mercantil da gestão urbana é hoje governada pelo que há de mais interessante e transformador em termos de proposta de construção coletiva e participativa da cidade, e não é por acaso que Josep Montaner, Secretário de Urbanismo atual da cidade fez um artigo sobre Paola Berenstein Jacques, que há décadas trabalha propondo compreensões mais dinâmicas, democráticas e amplas da cidade e das práticas que envolvem sua construção.

A confiança extrema no fato de que a cidade nos escapa e termina por achar seu rumo, como nos fala o filósofo Henri-Pierre Jeudy, não deve servir de desculpa para

amolecer ou anestesiar mentes e corações pois a luta continua sendo a de decidir a cidade - e a vida - que queremos e não sempre a de «retomar» a que nos impõem a um custo humano coletivo alto demais, em ações impostas por aqueles que nada sabem sobre o que é viver nas cidades, suas dores e belezas, porque já não vivem nela ou nunca viveram. Habitam territórios protegidos, semi-feudos, bolhas mentais e reais, às custas da maioria da população, objeto de seduções e discursos inconsistentes.

Felizmente, há no campo do pensamento urbano e da ação territorial direta hoje, inúmeros exemplos de insurgências, criação, re-criação do espaço vivido. Trata-se de sujeitos que constroem pontes e abrigos nos abismos, desigualdades e opressões que assolam nossas cidades. E que acreditam, com Henri Lefebvre, que nas co-existências, nas co-presenças e no conflito socioterritorial estão as chaves para compreender a cidade contemporânea e nela agir. Tal lente, na perspectiva da gravíssima crise econômica, social e urbana que atravessamos no Brasil, torna-se ainda mais necessária.

Na metrópole do Rio de Janeiro a crise dói ainda mais pois, junto aos fatores conjunturais da crise internacional e brasileira, produtores de novas assimetrias sociais, encontram-se os sujeitos da estrutural desigualdade urbana atravessados, nos últimos anos, pela força avassaladora e violenta de um projeto de cidade rumo aos Jogos de 2016 baseada em imagens já superadas. Em um artigo sobre a história das primeiras Olimpíadas, a socióloga francesa Anne Querrien (2012) lembra como desde a retomada das Olimpíadas no século XIX, o problema da expulsão dos pobres e apagamento de lugares populares já estavam colocados, como se os Jogos desde o início já servissem como operadores de conquista de territórios urbanos aos mais pobres¹. A cidade olímpica ainda hoje constrói cenários, miragens do Amanhã, espetáculos urbanos que já nascem arcaicos, para cimentar consensos e adesões dos cidadãos de «elite», turistas incautos e empreendedores «arrojados». Mas também destrói e busca apagar da cidade as experiências territoriais mais incríveis de criação e recriação resistente do Lugar.

São essas experiências concretas que nutrem o pensamento mais promissor sobre a cidade. Nas relações profundas com o território, com a moradia, com as águas, com o ambiente construído, com os ‘espaços inventados’ de Faranac MirafTAB, imaginados e produzidos de forma mais democrática e efetiva. Como entender, nesse contexto, a destruição do bairro popular Vila Autódromo pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e pelas empreiteiras? Ora, aí está um belo exemplo de um Lugar. Símbolo dos

1 QUERRIEN, Anne. As Olimpíadas e a Rua. Dossier RIO+20 e a Cidade. In: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1187>

tantos bairros populares desta metrópole, na luta pela permanência, pela co-presença, pela democracia, pelo direito a existir, a re-existir. Renomados gestores e urbanistas internacionais e nacionais perceberam que ali se encontra uma experiência rica de construção de Lugar e, por isso, outorgaram a seus moradores o Prêmio Urban Age no ano 2013 pela proposta contida em seu Plano Popular de reurbanização. Aí está uma experiência que os gestores poderiam aproveitar para mostrar ao mundo : é possível fazer uma Olimpíada sem violência de classe e sem elitismo, sobretudo numa metrópole do sul global, tão desigual como o Rio de Janeiro. Mas diariamente atacam os últimos que ainda persistem ali, sem nenhum tipo de misericórdia.

Que a cidade tenha essa força de vida, a força de vida de todos os corpos e mentes que nela vivem, não é prerrogativa para os governantes e suas coalisões fazerem as maiores violências como vemos todos os dias, justificadas pela pretensa construção de uma cidade «olímpica», ou seja, branca, asséptica como um centro comercial, sem conflitos, como nas revistas e imagens renderizadas. Para obtê-la, remoções, perseguições e mesmo assassinatos constantes, guiados por discursos vazios, muita soberba e dificuldade de abrir o grande diálogo com as forças urbanas em conflito.

A esse respeito uma das grandes pensadoras do espaço urbano, sua produção e seus conflitos, Ana Clara Torres Ribeiro, proferiu uma de suas últimas palestras em encontro científico no ano 2011, quando a autora explicou aos presentes que seu último livro seria um livro de aforismos. O primeiro deles afirmaria que todo brasileiro é um camelô. E em seguida a autora discorria sobre como, em todos os níveis, a informalidade e a improvisação primam no Brasil, pelo menos nos primórdios dos processos, sem negar que estes se formalizam aos poucos. O brasileiro operaria como um ambulante encontrando modos de sobreviver e existir em meio às adversidades, o que a autora via como uma positividade.

Mas os desejos que rondam as propostas e projetos de cidade nos altos escalões, ainda são exageradamente orientados para perseguir a frustração de um sonho «europeizante» ou «norte americanizante» da cidade e sua paisagem sem jamais considerar a violência simbólica e real deste desejo de «globalização» com arcaísmos ainda colonisatórios, sobre as realidades locais. E daí vemos muitas gerações de arquitetos que nas palavras sábias da Professora Margareth Pereira em sua homenagem ao arquiteto Alfredo Brito, iniciam incultas e muitas vezes seguem incultas e, pior ainda, permitem a instrumentalização da incultura e inconsciência úteis demais ao status quo, a fim de promover ou assinar embaixo das mais extremas violências urbanas,

diretas ou indiretas, que prometem impactar a cidade positivamente no futuro. No Amanhã, sempre.

Embranquecer *ad eternum* a cidade, extirpar dela os incômodos do que não se quer ver. esse é o bom lugar para uma insipiente e desastrosa corrente do urbanismo brasileiro contemporâneo, que não se envergonha de se filiar aos feitos de Pereira Passos, quem tinha a seu favor o fato de não poder sequer imaginar aonde chegaríamos no processo de expulsão de pobres e apartheid urbano. E que tantos lugares destruiu. O desafio em todos os planos e campos do saber é ainda o de superar o pensamento e a subjetividade racista e mesmo, escravocrata, policialesca e segregacionista. E é esse o grande desafio de todos os campos, não apenas da arquitetura, para o século que temos que cruzar.

Nesse quadro, os ambulantes, os auto-construtores, os garis, os bombeiros, os sem-teto, os professores, os estudantes, todos estes que se pretende fazer desaparecer, criminalizar ou dominar para dar lugar a uma cidade branca e sem sentido, personagens de reflexões de grande importância, como as de Giuseppe Cocco (2014) e Bárbara Szaniecki (2014), é com eles que continuamos contando para construir outros futuros, outros Lugares, mais além e mais ricos daqueles que as grandes máquinas de construção da cidade consideradas oficiais buscam impor. A seu lado, tem a estrutura da grande metrópole, o monstro antropófago por excelência que não será catequizado por uma lógica simplista e, no fim das contas, frágil demais.